

UM DOS LIVROS MAIS COMENTADOS DO ANO
Da lista de mais vendidos do *New York Times*

JOE HILL

A ESTRADA DA NOITE

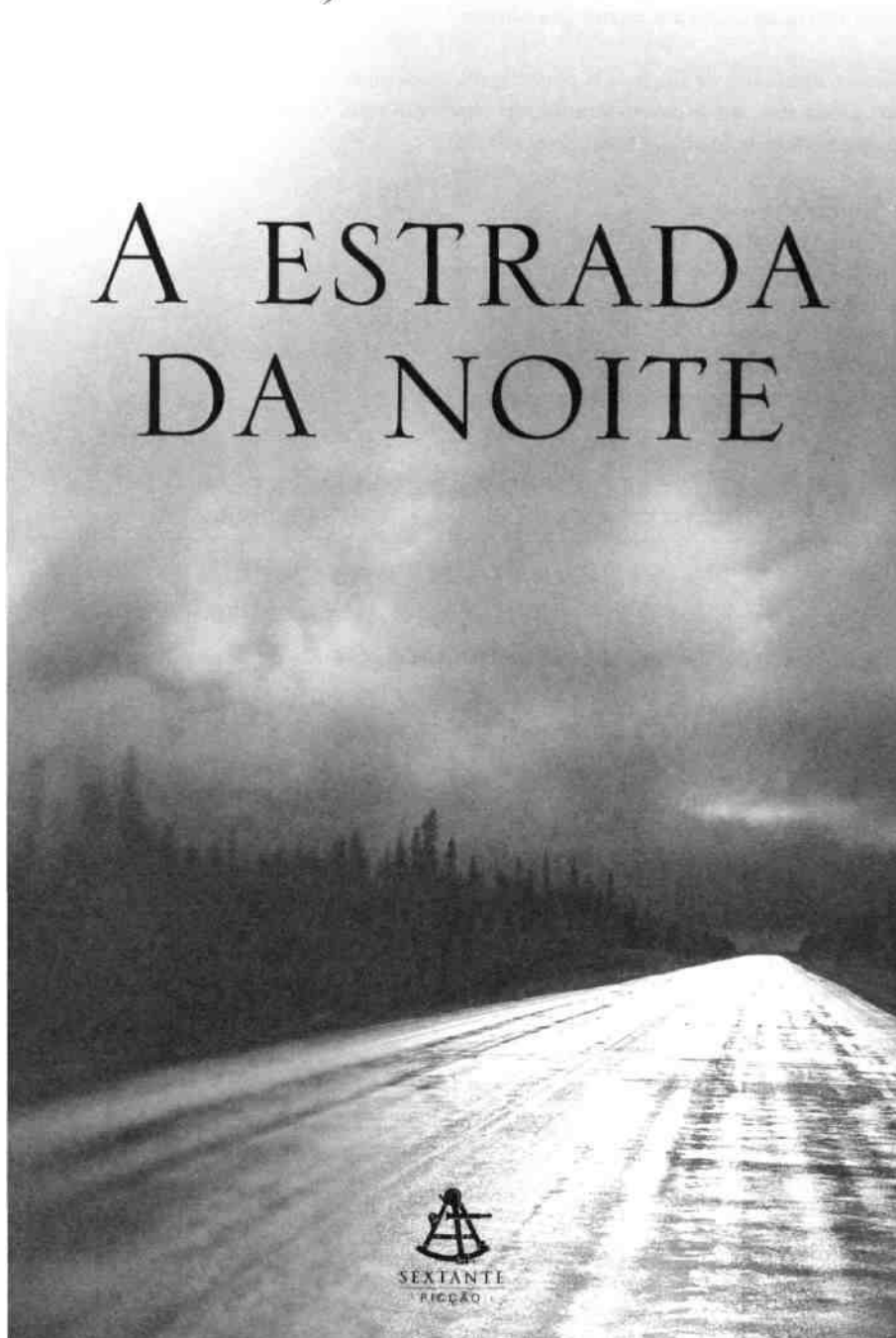
MAIS CEDO OU MAIS TARDE
OS MORTOS NOS ALCANÇAM...



SEXTANTE
FICÇÃO

JOE HILL

A ESTRADA DA NOITE



A Estrada da Noite

Joe Hill

Título original: ***Heart-Shaped Box***

Copyright © 2007 por Joe Hill

O excerto de *A voz do fogo*, copyright © por Alan Moore, foi utilizado com permissão da Top Shelf Productions.

Copyright da tradução © 2007 por Editora Sextante Ltda.

Publicado em acordo com a HarperCollins Publishers.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

Este livro é uma obra de ficção. Os personagens, os acontecimentos e os diálogos são fruto da imaginação do autor e não devem ser interpretados como reais. Qualquer semelhança com fatos ou pessoas reais, vivas ou mortas, é mera coincidência.

TRADUÇÃO: Mário Molina

PREPARO DE ORIGINALS: Virginie Leite

REVISÃO: Sérgio Bellinello Soares e Tereza da Rocha

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO: Marcia Raed

CAPA: Raul Fernandes

PRÉ-IMPRESSÃO: Ô de casa

IMPRESSÃO E ACABAMENTO: Geográfica e Editora Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES
DE LIVROS, RJ

H545e

Hill, Joe

A estrada da noite/Joe Hill; tradução de Mário Molina. - Rio de Janeiro: Sextante, 2007.

Tradução de: Heart-shaped box

ISBN 978-85-99296-13-4

1. Histórias de fantasmas. 2. Ficção americana. I. Molina, Mário. II. Título.

07-0587

CDD: 813

CDU:821.111(73)-3

Todos os direitos reservados no Brasil por

Editora Sextante Ltda.

Rua Voluntários da Pátria, 45/1.407 - Botafogo

22270-000 - Rio de Janeiro - RJ

Tel.: (21) 2286-9944 - Fax: (21) 2286-9244

E-mail: atendimento@esextante.com.br

www.sextante.com.br

Para o meu pai, um dos bons.

Este livro foi digitalizado e distribuído GRATUITAMENTE pela equipe Digital Source com a intenção de facilitar o acesso ao conhecimento a quem não pode pagar e também proporcionar aos Deficientes Visuais a oportunidade de conhecerem novas obras.

Se quiser outros títulos nos procure http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros,

será um prazer recebê-lo em nosso grupo.



<http://groups.google.com.br/group/digitalsource>

http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros

Como podem os mortos ter destinos?
- Alan Moore, *A voz do fogo*

CACHORRO NEGRO



Jude tinha uma coleção particular.

Tinha desenhos emoldurados dos Sete Anões na parede do estúdio, entre seus discos de platina. John Wayne Gacy, o "Palhaço Assassino", fizera os esboços quando estava na cadeia e os mandara para ele. Gacy gostava da Disney dos anos dourados quase tanto quanto gostava de molestar crianças pequenas, quase tanto quanto gostava dos discos de Jude.

Jude tinha o crânio de um camponês do século XVI, que fora perfurado para os demônios saírem. Guardava um monte de canetas enfiadas no buraco no centro do crânio.

Tinha uma confissão de 300 anos atrás assinada por uma feiticeira. "Eu realmente falava com um cachorro negro que dizia que envenenaria as vacas, enlouqueceria os cavalos e adoeceria as crianças se eu o deixasse ficar com minha alma. E eu disse que sim e depois lhe dei o seio para chupar." Ela foi queimada viva.

Tinha um laço duro e gasto que fora usado para enforcar um homem na Inglaterra, na virada do século, o tabuleiro de xadrez de infância do mago Aleister Crowley e uma fita *snuff**. De todas as peças da coleção, esta última era a que lhe causava mais incômodo. Chegara às suas mãos por meio de um policial, um homem que havia trabalhado na segurança de alguns shows em Los Angeles. O tira dissera que o vídeo era mórbido. Tinha dito isso com um certo entusiasmo. Jude assistiu ao vídeo e viu que ele tinha razão. Era mórbido. De um modo indireto, aliás, a fita ajudara a apressar o fim do seu casamento. Mas ainda não a jogara fora.

Muitos objetos de sua coleção particular do grotesco e do bizarro eram presentes enviados pelos fãs. Na realidade era raro ele próprio comprar alguma coisa para a coleção. Mas quando Danny Wooten, seu assistente particular, disse que havia um fantasma à venda na internet e perguntou se ele não queria comprar, Jude não pensou duas vezes. Era como sair para almoçar, ver o prato do dia e decidir que queria aquilo sem dar sequer uma olhada no cardápio. Certos impulsos não exigiam reflexão.

A sala de Danny ocupava um anexo relativamente novo da propriedade de Jude. Saía da ponta nordeste da casa de fazenda de 110 anos. Com controle climático, móveis de escritório e carpete cor de café com leite, a sala era friamente impessoal, não tinha nada a ver com o resto da

* Fita de vídeo que mostra uma cena real de assassinato. (N. do T.)

casa. Seria como uma sala de espera de dentista, não fosse pelos cartazes de shows de rock em molduras de aço inox. Num deles a pessoa via um jarro abarrotado de globos oculares olhando fixamente para ela, com um emaranhado de nervos sangrentos saindo de trás deles. Era o pôster da turnê de *Todos os olhares sobre você*.

Assim que o anexo ficou pronto, Jude se arrependeu de ter mandado construí-lo. Não queria dirigir 45 minutos de Piecliff até uma sala alugada em Poughkeepsie para tratar de seus negócios, mas provavelmente isso teria sido melhor do que ter Danny Wooten dentro de casa. Danny e o trabalho de Danny tinham ficado próximos demais. Quando Jude estava na cozinha, podia ouvir os telefones tocando no escritório, às vezes ambas as linhas disparando ao mesmo tempo, e achava o som enlouquecedor. Há anos não gravava um disco, quase não tinha trabalhado desde que Jerome e Dizzy haviam morrido (e a banda com eles), mas os telefones continuavam tocando sem parar. Ele se sentia sufocado pelo contínuo desfile de gente disputando seu tempo e pelo interminável acúmulo de demandas legais e profissionais, acordos e contratos, promoções e apresentações, o trabalho da Judas Coyne Ltda. nunca pronto, sempre em curso. Quando estava em casa, Jude queria ser ele próprio, não uma marca registrada.

De forma geral, Danny não se metia no restante da casa. Fossem quais fossem seus defeitos, respeitava o espaço privativo de Jude. Mas sempre que ele dava uma incerta no escritório — algo que Jude fazia, sem grande satisfação, quatro ou cinco vezes por dia — Danny o abordava imediatamente. Passar pelo escritório era o caminho mais rápido para chegar até o celeiro e o canil. Poderia evitar o assistente saindo pela porta da frente e circundando a casa, mas ele se recusava a se mover furtivamente ao redor da própria casa só para evitar Danny Wooten.

Além disso, não parecia possível que Danny sempre tivesse alguma coisa com que aborrecê-lo. Mas ele sempre tinha. E se não tivesse algo que exigisse atenção imediata, ia querer bater papo. Danny era do sul da Califórnia e sua conversa não tinha fim. Era capaz de recomendar a pessoas que nunca vira antes os benefícios de consumir braquiária, que incluíam deixar os movimentos dos intestinos com um aroma de grama recentemente cortada. Tinha 30 anos, mas podia falar de skate e de PlayStation com o entregador de pizza como se tivesse 14. Danny desabafava com os homens que vinham consertar o ar-condicionado, contava como a irmã tomara uma overdose de heroína na adolescência e que fora ele quem encontrara, ainda rapaz, o corpo de sua mãe depois que ela se matou. Era impossível deixar Danny sem jeito. Ele ignorava o que era timidez.

Jude estava voltando para dentro depois de alimentar Angus e Bon e passava pelo meio da área de tiro de Danny (achando que talvez conseguisse cruzar ileso o escritório) quando o

assistente disse:

— Ei, chefe, dê uma olhada nisto.

Danny iniciava quase todo pedido com aquelas palavras. Uma frase que Jude aprendera a temer e da qual já se ressentia, um prelúdio a meia hora de tempo perdido preenchendo formulários, lendo faxes, etc. Então Danny lhe disse que alguém estava vendendo um fantasma, e Jude esqueceu a má vontade. Contornou a escrivaninha para poder dar uma olhada, sobre o ombro do assistente, na tela do computador.

Danny tinha descoberto o fantasma num site de leilões on-line, não o eBay, mas um de seus clones menores. Jude correu o olhar pela descrição do item enquanto o assistente lia em voz alta. Danny cortaria a comida no prato para o chefe se ele deixasse. Tinha uma postura de subserviência que Jude, francamente, achava revoltante num homem.

— "Compre o fantasma do meu padrasto" — Danny leu. — "Seis semanas atrás, meu padrasto, já idoso, morreu de forma súbita. Na época, estava hospedado conosco. Não tinha sua própria casa e costumava passar temporadas com diversos parentes, ficando um mês ou dois em determinado local antes de seguir adiante. Todos ficaram chocados com seu falecimento, especialmente minha filha, que tinha muita intimidade com ele. Ninguém poderia imaginar. Foi um homem ativo até o final da vida. Nunca sentava na frente da TV. Todo dia tomava um copo de suco de laranja. Tinha todos os dentes."

— Isso só pode ser piada — disse Jude.

— Acho que não - disse Danny. E continuou: — "Dois dias após seu funeral, minha filha o viu sentado no quarto de hóspedes, que fica bem na frente do quarto dela. Depois disso, a menina não quis mais ficar sozinha em seu quarto nem mesmo ir para o andar de cima. Expliquei que o avô jamais iria machucá-la, mas ela disse que estava com medo dos olhos dele. Disse que estavam cheios de traços negros e não eram mais para ver. Desde então ela tem dormido comigo.

"A princípio achei que fosse apenas uma história assustadora que ela estivesse contando para si mesma, mas não é só isso. O quarto de hóspedes está sempre gelado. Dei uma sondada por lá e reparei que o frio era maior no armário onde o paletó do meu padrasto estava pendurado. Ele queria ser enterrado com aquele paletó, mas quando o vestimos na casa funerária, não caiu bem. As pessoas encolhem um pouco quando morrem. A água que existe nelas seca. Uma vez que seu melhor paletó tinha ficado grande demais, deixamos que a casa funerária nos convencesse a comprar um dos que ela vendia. Não sei por que dei ouvidos a eles.

"Na noite seguinte, acordei e ouvi meu padrasto caminhando no andar de cima. A cama no quarto dele não parava arrumada e a toda hora a porta abria e batia. A gata também não queria ir para o outro andar e, às vezes, se sentava no pé da escada observando coisas que não

conseguíamos ver. Ficava algum tempo olhando fixamente, depois miava como se alguém tivesse pisado em sua cauda e saía correndo.

"Meu padrasto foi espírita a vida toda e creio que só está aqui para ensinar à minha filha que a morte não é o fim. Mas ela tem 11 anos e precisa ter uma vida normal, dormindo em seu próprio quarto, não no meu. A única saída que vejo é tentar encontrar outra casa para o papai, e o mundo está cheio de gente que quer acreditar na vida após a morte. Bem, eu tenho a prova bem aqui.

"Vou 'vender' o fantasma do meu padrasto pelo lance mais alto. É claro que uma alma não pode de fato ser vendida, mas creio que ele irá para sua casa e ficará ao seu lado se você estender o capacho de boas-vindas. Como já disse, quando ele morreu, só estava conosco temporariamente e não tinha um lugar que pudesse chamar de seu, portanto tenho certeza de que irá para onde for bem acolhido. Não fique achando que isso é um truque ou uma piada e que vou pegar o dinheiro mas não lhe mandarei nada. A oferta vencedora receberá algo sólido por seu investimento. Vou enviar o paletó preferido do meu padrasto. Acredito que, se o espírito dele está ligado a alguma coisa, só pode ser a isso.

"É um belo paletó, bastante antiquado, confeccionado pela Great Western Tai-loring. Tem elegantes listras finas prateadas", blablablá, "forro de cetim", blablablá...

Danny parou de ler e apontou para a tela.

— Dê uma olhada nas medidas, chefe. É exatamente o seu tamanho. O lance mais alto até agora é de 80 dólares. Se quer ser mesmo dono de um fantasma, de repente ele pode ser seu por apenas 100 paus.

— Vamos comprar - disse Jude.

— Sério? Faço uma oferta de 100 dólares?

Jude apertou os olhos, espreitando alguma coisa na tela, logo abaixo da descrição do item. Era um botão que dizia SEU AGORA: US\$ 1.000. E embaixo: *Clique para comprar e encerre imediatamente o leilão!* Ele pôs o dedo no botão e bateu no monitor.

— Vamos logo oferecer 1.000 pratas e fechar o negócio - disse.

Danny girou na cadeira. Deu um grande sorriso e ergueu as sobrancelhas. Ele tinha sobrancelhas altas, arqueadas, como as do Jack Nicholson, que usava para efeitos dramáticos. Talvez esperasse uma explicação, mas Jude não tinha certeza se poderia explicar, sequer para si mesmo, por que parecia tão razoável pagar 1.000 dólares por um paletó velho que provavelmente não valeria a quinta parte disso.

Depois Jude achou que aquilo poderia ser bom em termos de publicidade: *Judas Coyne compra um poltergeist*. Os fãs devoravam histórias do gênero. Mas isso foi depois. Naquele

momento, ele só sabia que queria ser o homem que comprou o fantasma.

Jude pôs-se a caminho, pensando em dar uma subida para ver se Geórgia já estava vestida. Tinha pedido há meia hora que ela se vestisse, mas esperava encontrá-la ainda na cama. Tinha a impressão de que era onde Geórgia pretendia ficar até conseguir a briga que estava procurando. Estaria sentada só com a roupa de baixo, pintando cuidadosamente de preto as unhas dos pés. Ou estaria com o lap-top aberto, navegando por sites de acessórios góticos, procurando o brinco perfeito para espetar na língua, como se precisasse de mais algum maldito... E então a idéia de navegar na internet fez Jude se deter, curioso para descobrir uma coisa. Tornou a se virar para Danny.

— Afinal de contas, como foi que você esbarrou nisso? - ele perguntou, acenando com a cabeça para o computador.

— Recebemos um e-mail sobre o assunto.

— De quem?

— Do site dos leilões. Eles nos mandaram uma mensagem que dizia: "Vimos que você já comprou itens como este e achamos que ficaria interessado."

— Já compramos algo assim?

— Objetos de ocultismo, eu presumo.

— Nunca comprei nada nesse site.

— Talvez tenha comprado e simplesmente não se lembre. Talvez eu tenha comprado alguma coisa para você.

— Porra de ácido - disse Jude. — Antigamente eu tinha uma boa memória. Fui do clube de xadrez nos primeiros anos do ginásio.

— Foi mesmo? É uma coisa realmente incrível.

— O quê? A idéia de que fui do clube de xadrez?

— Acho que sim. Parece tão... cabeça.

— É. Mas eu usava dedos cortados como peças.

Danny riu - com um certo exagero, sacudindo o corpo e enxugando lágrimas imaginárias nos cantos dos olhos. Puxa-saco imbecil.



O paletó chegou no sábado de manhã cedo. Jude estava acordado e fora de casa com os cachorros.

Angus disparou assim que o caminhão da UPS começou a estacionar, e a correia foi arrancada da mão de Jude. Angus saltava contra a lateral do caminhão, a saliva voando, as patas arranhando furiosas a porta do lado do motorista. O motorista continuou atrás do volante, espreitando o cachorro com a expressão calma mas atenta de um médico avaliando uma nova variedade do Ebola através de um microscópio. Jude agarrou a correia e deu um puxão mais forte do que pretendia. Angus se estatelou de lado no chão, mas logo se contorceu e tornou a ficar de pé num salto, rosnando. A essa altura, Bon já tinha entrado no jogo, forçando a ponta de sua correia, que Jude segurava com a outra mão, e ganindo com uma estridência que fazia doer a cabeça.

Como o celeiro onde ficava o canil era longe demais para levar os cachorros até lá, Jude os arrastou pelo quintal e pela varanda, os dois se debatendo o tempo todo. Empurrou-os pela porta da frente e bateu-a com força atrás deles. Imediatamente os dois começaram a se atirar contra a porta, latindo histericamente. A porta estremecia, os animais arranhavam a madeira. Porra de cachorros.

Jude caminhou meio sem jeito para a entrada de carro e alcançou o caminhão da UPS no momento em que a porta do baú corria com um duro barulho metálico. O homem da entrega estava do lado de dentro. Ele pulou com uma caixa comprida e chata debaixo do braço.

— Ozzy Osbourne tem Lulus da Pomerânia — disse o cara da UPS. — Vi na TV. São uma graça, parecem gatinhos. Nunca pensou em ter um casal de cachorrinhos assim?

Jude pegou a caixa sem dizer uma palavra e entrou.

Atravessou a casa com a caixa e foi para a cozinha. Colocou a caixa no tampo da pia e se serviu de café. Jude se levantava cedo por instinto e condicionamento. Quando estava viajando ou gravando, se acostumara a desabar na cama às cinco da manhã e dormir a maior parte do dia, mas ficar a noite toda acordado nunca fora algo natural para ele. Durante as turnês, acordava às quatro da tarde, de mau humor e com dor de cabeça, sem saber como o tempo havia passado. Todos os seus conhecidos lhe pareciam, então, impostores espertos, alienígenas insensíveis

disfarçados com pele de borracha e rosto de amigos. Era preciso uma pródiga quantidade de álcool para fazer com que se parecessem de novo consigo mesmos.

Só que já haviam se passado três anos desde a última vez que saíra em turnê. Não tinha grande interesse por bebida quando estava em casa e, na maioria das noites, ia se deitar por volta das nove horas. Com 54 anos de idade, voltara a se ajustar aos ritmos de vida que o tinham guiado desde que seu nome era Justin Cowzynski e ele ainda era garoto na fazenda onde o pai criava porcos. O filho-da-puta ignorante o puxaria da cama pelos cabelos se o encontrasse deitado quando o sol nascesse. Foi uma infância de lodo, cães latindo, arame farpado, instalações caindo aos pedaços, porcos guinchando e pouco contato humano. A mãe passava a maior parte do dia sentada na mesa da cozinha, com a expressão fixa, inerte, de alguém que tivesse sido lobotomizada. E o pai governava seus hectares de ruína e bosta de porco com os punhos e um riso raivoso.

Jude já estava acordado havia muitas horas, mas ainda não tomara o café da manhã. Estava fritando bacon quando Geórgia apareceu na cozinha. Ela usava apenas calcinha preta e tinha os braços cruzados sobre os pequenos seios brancos com piercing. O cabelo preto fluuava em volta de sua cabeça num emaranhado discreto. Ela não se chamava realmente Geórgia. Também não se chamava Morphina, embora tivesse adotado esse nome nos dois anos em que fora stripper. Seu nome verdadeiro era Marybeth Kimball, tão simples, tão comum que ela rira na primeira vez que o revelara a Jude, como se isso a embaraçasse.

À medida que o tempo passava, Jude ia deixando para trás uma coleção de namoradas góticas que tiravam a roupa ou eram cartomantes, ou tiravam a roupa e eram cartomantes, belas moças que usavam cruces egípcias, esmalte negro nas unhas e que ele sempre chamava pelo nome de seus estados de origem, um hábito de que poucas gostavam, pois não queriam ser constantemente lembradas da identidade que estavam tentando apagar com toda aquela maquiagem de mortas-vivas. Geórgia tinha 23 anos.

— Porra de cães estúpidos - disse ela, empurrando um deles com o calcanhar. Estavam rodando em volta das pernas de Jude, estimulados pelo cheiro do bacon. — Me fizeram levantar.

— Talvez estivesse na hora de tirar o rabo da cama. Já pensou nisso? - Ela fazia tudo para nunca ter de se levantar antes das dez.

Geórgia se curvou diante da geladeira aberta para pegar o suco de laranja. Ele gostou da vista, do modo como as tiras da calcinha cortaram as duas nádegas, de uma brancura quase excessiva, mas desviou os olhos enquanto ela bebia diretamente da caixa. Geórgia deixou o suco na bancada da pia. Ficaria ali até estragar se Jude não o guardasse na geladeira.

Ele estava contente com a adoração das góticas. Gostava ainda mais do sexo, de seus

corpos ágeis, atléticos, tatuados e ávidos por uma excentricidade. Mas já fora casado com uma mulher que usava copo, guardava as coisas na geladeira e lia o jornal de manhã. Jude sentia falta das conversas dos dois. Eram conversas adultas. Ela não tinha sido stripper. Não acreditava em adivinhação do futuro. Era um relacionamento maduro.

Geórgia usou uma faca de carne para cortar a caixa da UPS. Deixou a faca na bancada da pia, com a fita adesiva grudada.

— O que é isto? — ela perguntou.

Havia uma segunda caixa dentro da primeira. Estava muito apertada dentro da outra e Geórgia teve de puxar por um bom tempo até conseguir tirá-la e pousá-la na bancada. Era grande, brilhante e preta, e tinha a forma de um coração. Bombons às vezes vinham em caixas como aquela, embora ela fosse grande demais para bombons. E caixas de bombons eram cor-de-rosa ou, no máximo, amarelas. Podia ser uma caixa contendo lingerie — só que Jude não tinha encomendado nada do tipo para dar a Geórgia. Ele franziu a testa. Não fazia a menor idéia do que poderia haver ali dentro e ao mesmo tempo sentia que, de alguma forma, *deveria* saber. A caixa em forma de coração devia conter alguma coisa que ele estivesse esperando.

— Isto é para mim? - ela perguntou.

Geórgia conseguiu puxar a tampa e pegou o que havia dentro, erguendo a peça para ele ver. Um paletó. Alguém mandara um paletó. Era preto e antiquado, os detalhes embaçados pelo plástico do saco de lavagem a seco onde fora colocado. Geórgia levantou-o segurando pelos ombros e colocou-o na frente do corpo, quase como se fosse um vestido que estivesse pensando em experimentar mas sobre o qual quisesse primeiro ouvir a opinião dele. Seu olhar era indagador, com um grande sulco entre as sobrancelhas. Por um momento ele não se lembrou, não soube por que havia recebido aquilo.

Quando abriu a boca para dizer que não fazia idéia se a encomenda era para ela, ouviu sua própria voz respondendo:

— É o paletó do morto.

— O quê?

— O fantasma - disse ele se recordando. — Comprei um fantasma. Uma mulher estava convencida de que estava assombrada pelo padrasto. Então ela pôs o espírito inquieto à venda na internet e eu o comprei por 1.000 dólares. Esse é o paletó dele. A mulher acha que o paletó pode ser a fonte da assombração.

— Ah, legal - disse Geórgia. — E você vai usá-lo?

Jude ficou surpreso com sua própria reação. A pele formigou, ficou estranha e áspera, toda arrepiada. Por um momento irracional, a idéia lhe pareceu obscena.

— Não - disse Jude, e Geórgia lhe lançou um rápido olhar de espanto pelo tom frio e sem energia da voz. O sorriso afetado de Geórgia se fechou um pouco e ele percebeu que soara... bem, não assustado, mas momentaneamente sem vigor. Acrescentou: — Não ia caber. - Embora, na verdade, o poltergeist tivesse mais ou menos a sua altura e o seu peso quando vivo.

— Talvez eu use - disse Geórgia. — Não deixo de ter alguma coisa de espírito inquieto. E fico sensual em roupas de homem.

De novo uma sensação de choque, um formigamento na pele. Ela não devia usá-lo. O simples fato de Geórgia estar brincando com aquilo era desagradável, embora ele não pudesse explicar por quê. Não ia deixar que ela vestisse o paletó. Pelo menos naquele instante, não conseguia imaginar nada mais repulsivo.

E isso tinha algum significado. Não havia muita coisa que Jude julgasse demasiado repugnante. Não estava habituado a sentir repulsa. O profano não o incomodava; tinha lhe dado 30 anos de vida boa.

— Vou deixar lá em cima até descobrir o que fazer com ele - disse Jude tentando falar num tom desdenhoso, mas não soando muito convincente.

Ela o encarou, intrigada com o que estava abalando o autodomínio habitual de Jude, e puxou o plástico do saco da lavanderia. Os botões prateados do paletó cintilaram na luz. Era um paletó sombrio, preto como penas de corvo, mas aqueles botões, do tamanho de moedas de 25 centavos, lhe davam um caráter rústico. Junto com uma gravata bem fina, seria o tipo de coisa que Johnny Cash teria usado no palco.

Angus começou a latir, alto, estridente, um latido de pânico. Começou a recuar movendo o traseiro, a cauda baixa, esquivando-se do paletó. Geórgia riu.

— É *realmente* assombrado - disse.

Ela suspendeu o paletó na frente do corpo, sacudiu-o de um lado para outro, atirou-o na direção de Angus, deixando que roçasse nele, como a capa de um toureiro. Enquanto se aproximava do animal, ela imitava o som gutural, prolongado de uma alma penada, seus olhos brilhando de prazer.

Angus recuou desajeitadamente, bateu num banco da bancada da cozinha e derrubou-o com uma pancada metálica. Sob o velho cepo de cortar carne, Bon, orelhas achatadas contra o crânio, olhava a superfície manchada de sangue. Geórgia tornou a rir.

— Pare com essa porra - disse Jude.

Ela lhe atirou um olhar de desprezo, perversamente feliz (a expressão de uma criança queimando formigas com uma lupa). De repente, fez uma careta de dor e gritou. Disse um palavrão, agarrando a mão direita. Jogou o paletó na bancada da pia.

Uma brilhante gota de sangue cresceu na ponta de seu polegar e caiu, *plinc*, no chão de ladrilhos.

— Merda - disse ela. — Porra de alfinete.

— Veja o que você arrumou!

Geórgia o encarou, fez um gesto obsceno para ele e escapuliu da cozinha. Assim que ela saiu, Jude se levantou e guardou o suco na geladeira. Depois jogou a faca na pia, pegou um pano para limpar o sangue do piso... e então seu olhar se fixou no paletó e ele esqueceu o que estava prestes a fazer.

Alisou o paletó, dobrou as mangas, tateou com cuidado. Jude não conseguiu encontrar nenhum alfinete, não conseguiu descobrir onde Geórgia havia se picado. Tornou a estender suavemente o paletó na caixa.

Um cheiro forte chamou sua atenção. Ele se virou para a frigideira e disse um palavrão. O bacon tinha queimado.



Pôs a caixa na prateleira no fundo de seu closet e decidiu parar de pensar nela.



Estava de novo atravessando a cozinha, um pouco antes das seis, para pegar salsichas para o grill, quando ouviu alguém sussurrando no escritório de Danny.

O som o sobressaltou, deixou-o paralisado. Danny fora para casa havia mais de uma hora e o escritório estava trancado, devia estar vazio. Jude inclinou a cabeça para ouvir, concentrando-se intensamente na voz baixa, sibilante... Logo identificou o que estava ouvindo e seu pulso começou a ficar mais lento.

Não havia ninguém lá. Era apenas alguém falando no rádio. Jude tinha certeza. Os tons baixos não eram suficientemente baixos, a voz em si era sutilmente nivelada. Sons podiam sugerir formas, podiam pintar um quadro da bolsa de ar onde tinham sido gerados. Uma voz num poço tinha um eco grave, circular, enquanto uma voz num armário parecia condensada, todo o volume extraído dela. A música era também geometria. O que Jude estava ouvindo naquele momento era uma voz fechada numa caixa. Danny tinha esquecido de desligar o rádio.

Abriu a porta do escritório e enfiou a cabeça. As luzes estavam apagadas e, com o sol do outro lado da construção, o aposento parecia mergulhado numa sombra azul. O rádio estéreo do escritório era o terceiro pior da casa, mesmo que fosse melhor que a maioria dos rádios domésticos. Um monte de componentes Onkyo num gabinete de vidro ao lado do bebedouro. Os mostradores eram iluminados por um verde intenso, não natural, a cor de objetos observados por mira de visão noturna. Destacava-se uma única e brilhante barra vertical vermelha, o ponteiro rubi indicando a frequência em que o rádio estava sintonizado. O ponteiro era uma ranhura estreita, no formato de uma pupila de gato, e parecia concentrado no escritório com uma fascinação estranha, sem nem mesmo piscar.

— ...que esta noite vai fazer muito frio? - dizia o homem no rádio. Um tom seco, quase rascante. Um homem gordo, a julgar pelo chiado quando ele exalava o ar. — Devemos temer encontrar mendigos congelados na área?

— Sua preocupação com o bem-estar dos sem-teto é comovente - disse um segundo homem, este com a voz um tanto fina, esganiçada.

Era a WFUM, onde a maioria das bandas tinha o nome de alguma doença fatal (Antrax) ou algo que lembrasse decadência (Rançosa) e onde os DJs demonstravam grande interesse por

chatos no meio das pernas, strippers e as divertidas humilhações que atingiam os pobres, os inválidos e os idosos. O pessoal da rede tocava a música de Jude com uma certa freqüência, razão pela qual Danny mantinha o estéreo sintonizado neles, um ato ao mesmo tempo de lealdade e bajulação. Na realidade, Jude suspeitava que Danny não tinha qualquer preferência musical, nenhum gosto ou desgosto marcante, e que o rádio era apenas som ambiente, o equivalente auditivo do papel de parede. Se trabalhasse para Enya, Danny cantarolaria alegremente músicas célticas enquanto respondia a seus e-mails e enviava faxes.

Jude começou a atravessar a sala para desligar o rádio, mas, antes que fosse muito longe, seu passo emperrou. Uma lembrança avançara por seus pensamentos. Uma hora atrás estava lá fora com os cachorros. Tinha parado no final do caminho de terra, desfrutando a aspereza do ar, o ardor nas suas faces. Alguém na estrada lá embaixo estava tocando fogo numa pilha de lixo com galhos caídos e folhas de outono. O leve aroma temperado da fumaça também o havia agradado.

Danny tinha saído do escritório vestindo a jaqueta e se preparando para ir embora. Ficaram um momento conversando - ou, para ser mais preciso, Danny tagarelou enquanto Jude olhava para os cachorros e tentava tirá-lo de sintonia. Você sempre podia contar com Danny Wooten para estragar um silêncio perfeito.

Silêncio. O escritório atrás de Danny estava silencioso. Jude podia se lembrar dos corvos grasnando e da torrente contínua da exuberante tagarelice do assistente, mas não de um som de rádio vindo do escritório. Se o estéreo estivesse ligado, Jude achava que teria escutado. Seus ouvidos continuavam sensíveis como sempre tinham sido. Apesar dos pesares, tinham sobrevivido a tudo o que ele os submetera nos últimos 30 anos. Em compensação, Kenny Morlix, o baterista de Jude, único outro sobrevivente da banda original, ficara com um terrível zumbido nos ouvidos. Não conseguia nem escutar a mulher, mesmo que ela gritasse bem na sua cara.

Jude deu mais um passo à frente, mas estava de novo pouco à vontade. Não era só uma coisa. Era tudo. Era o ambiente mal iluminado e o olho vermelho brilhante a fitá-lo na frente do receptor de rádio. Era a idéia de que o rádio não estava ligado uma hora atrás, quando Danny, parado diante da porta aberta do escritório, puxava o fecho da jaqueta. Era o pensamento de que alguém teria, ainda há pouco, atravessado o escritório e talvez ainda estivesse por perto, observando da escuridão do banheiro, pela fresta da porta entreaberta — um pensamento paranóico e que não combinava com ele, mas que não saía de sua cabeça. Estendeu a mão para o botão que ligava o rádio estéreo, mas realmente não ouvia mais nada, o olhar fixo naquela porta. Não sabia o que ia fazer se ela começasse a se abrir.

O homem do tempo dizia:

—...frio e seco à medida que a frente empurra o ar quente para o sul. O morto ganha do vivo. Puxa para o frio. Para o buraco. Você vai mor...

O polegar de Jude apertou o botão power, desligando o rádio, justo no momento em que registrava o que estava sendo dito. Ele estremeceu sobressaltado e deu uma nova estocada no botão, para trazer a voz de volta, descobrir sobre que diabo o homem do tempo estava falando. Só que o homem do tempo já tinha saído do ar e agora quem falava era o DJ.

—...de congelar o cu, mas Kurt Cobain é quente como o inferno. Vamos nessa.

Uma guitarra gemeu, um som estridente, tremido, que continuou sem parar, sem que fosse possível distinguir qualquer melodia ou objetivo, exceto, talvez, levar o ouvinte à loucura. A abertura de *I Hate Myself and I Want to Die*, do Nirvana. Era sobre isso que o homem do tempo estivera falando? Havia dito algo sobre morrer. Jude clicou mais uma vez no botão, devolvendo a sala à tranquilidade.

Não durou. O telefone disparou bem atrás dele, uma alarmante explosão de som que fez o pulso de Jude dar outro salto desagradável. Ele atirou um olhar para a mesa de Danny, se perguntando quem estaria chamando àquela hora na linha do escritório. Contornou a escrivaninha para dar uma olhada no identificador de chamadas e reconheceu imediatamente o prefixo do leste da Louisiana. O nome que apareceu foi COWZYNSKI, M.

Só que Jude sabia, mesmo sem tirar o fone do gancho, que não era realmente Cowzynski, M. na outra ponta. A não ser que tivesse acontecido algum milagre médico. De fato quase desistiu de atender, mas então lhe ocorreu que talvez Arlene Wade estivesse ligando para dizer que Martin morreria, hipótese que o obrigaria a falar com ela mais cedo ou mais tarde, quisesse ou não.

— Alô - disse.

— Alô, Justin - disse Arlene. Era uma tia postiça, cunhada de sua mãe e habilitada paramédica, embora nos últimos 13 meses seu único paciente tivesse sido o pai de Jude. Tinha 69 anos e uma voz fanhosa e suave. Para ela, Jude seria sempre Justin Cowzynski.

— Como você está, Arlene?

— Do mesmo jeito. Você sabe. Eu e o cachorro estamos passando bem. Embora ele agora quase não consiga se levantar porque está gordo demais e os joelhos lhe doem. Mas não estou ligando para falar de mim ou do cachorro. É sobre seu pai.

Como se fizesse sentido ela ligar para falar de outra coisa. Uma estática assobiava na linha. Jude fora entrevistado ao telefone por um famoso jornalista de rádio de Pequim, recebera chamadas de Brian Johnson da Austrália e as ligações tinham sido nítidas e claras. Como se as

peessoas estivessem telefonando do outro lado da rua. Por alguma razão, no entanto, a chamada de Moores Corner, na Louisiana, chegava fraca e cheia de ruídos, como uma rádio AM distante demais para ser recebida com perfeição. Vozes de outras linhas vazavam aqui e ali, audíveis por alguns momentos antes de sumirem. Eles podiam ter conexões de internet de alta velocidade em Baton Rouge, mas, nas pequenas cidades nos pântanos ao norte do lago Pontchartrain, se você quisesse uma conexão veloz com o resto do mundo, era melhor envenenar o carro e pôr o pé na estrada.

— Nos últimos meses tenho lhe dado comida na boca. Coisa macia que não precise mastigar. Ele estava gostando das sopas de estrelinhas. E de pudim. Nunca encontrei um moribundo que não quisesse um pouco de pudim antes de partir.

— Fico espantado. Ele não costumava ter nenhuma queda por doces. Tem certeza?

— Quem está cuidando dele?

— Você.

— Bom, então acho que tenho certeza - disse Arlene.

— Tudo bem.

— É por esse motivo que estou ligando. Ele não vai mais comer pudim, nem estrelinhas, nem mais nada. Simplesmente se engasga com qualquer coisa que ponho em sua boca. Não consegue engolir. O Dr. Newland veio visitá-lo ontem. Acha que seu pai teve outro AVC.

— Um derrame. - Não chegava a ser exatamente uma pergunta.

— Não do tipo que você cai e morre. Se tivesse tido outro desses, não faria sentido tocar no assunto. Ele teria morrido. Agora foi um apagão dos pequenos. Nem sempre dá para saber quando ele teve um desses pequenos. Principalmente se fica como está agora, só encarando as coisas. Há dois meses não dá uma palavra com ninguém. Jamais voltará a dar uma palavra com alguém.

— Está no hospital?

— Não. Aqui podemos cuidar dele tão bem ou até melhor do que no hospital. Fico o dia inteiro com ele e o Dr. Newland passa aqui diariamente para vê-lo. Mas podemos mandá-lo para o hospital. Sairia mais barato, se isso tem importância para você.

— Não. Deixe os leitos de hospital para quem pode realmente melhorar neles.

— Não vou discutir com você, mas muita gente morre nos hospitais e você tem de se perguntar por que isso acontece.

— Bem, o que vai fazer com essa história da comida? Como é que fica agora?

Seguiu-se um momento de silêncio. Jude teve a impressão de que a pergunta a pegara de surpresa. Quando Arlene respondeu, foi de forma branda e sensata, e ao mesmo tempo num tom

de desculpas, como quem explica uma cruel verdade a uma criança.

— Bem. Isso compete a você, não a mim, Justin. O Dr. Newland pode enfiar um tubo de alimentação nele e fazê-lo durar um pouco mais, se você quiser. Até ele ter outro pequeno apagão e perder a capacidade de respirar. Ou podemos apenas deixá-lo em paz. Ele jamais vai se recuperar, não aos 85 anos. Ninguém estará roubando sua juventude. Ele está preparado para a coisa. E você, está?

Jude pensou, mas não disse que estava preparado havia mais de 40 anos. De vez em quando imaginava aquele momento (talvez fosse mais correto dizer que tinha até sonhado com ele), mas agora que a hora tinha chegado ficou espantado em descobrir como seu estômago doía. Quando Jude respondeu, no entanto, a voz estava firme:

— Tudo bem, Arlene. Sem tubo. Se você diz que está na hora, para mim está bom. Me mantenha informado, está bem?

Mas ela ainda não acabara. Fez um som que indicava impaciência, uma espécie de forte exalação de ar, e perguntou:

— Você vem?

Ele ficou parado junto à mesa de Danny, a cara fechada, confuso. A conversa dera um salto de um assunto para outro, sem aviso, como agulha pulando num disco de uma faixa para outra.

— Por que eu faria isso?

— Não quer vê-lo antes que se vá?

Não. Jude já não via o pai nem ficava num mesmo aposento com ele havia três décadas. Não queria ver o velho antes que ele se fosse nem queria olhar para ele depois. Não planejava sequer comparecer ao enterro, embora fosse ele quem ia pagá-lo. Jude tinha medo do que pudesse sentir... ou do que não sentiria. Pagaria o que tivesse de pagar para não precisar compartilhar de novo a companhia do pai. Era a melhor coisa que o dinheiro podia comprar: a distância.

Mas não podia dizer isso a Arlene Wade, assim como não podia contar que estivera esperando que o velho morresse desde os 14 anos. Em vez disso, respondeu:

— Ele ao menos ia saber se eu estivesse aí?

— É difícil dizer o que ele sabe e o que não sabe. Tem consciência daqueles que estão no quarto. Vira os olhos para ver quem chega e quem vai embora. Ultimamente, no entanto, tem reagido menos. As pessoas ficam desse jeito depois que um certo número de lâmpadas queimou.

— Não posso ir até aí. Esta semana não é boa - disse Jude, recorrendo à mentira mais fácil. Achou que a conversa tinha acabado e estava pronto para se despedir quando se

surpreendeu fazendo uma pergunta, algo que só soube que estivera em sua mente quando disse as palavras em voz alta:

— Vai ser difícil?

— A morte para ele? Negativo. Quando uma pessoa de idade chega a esse estágio, definha rapidamente sem o tubo de alimentação. Não sofre nada.

— Tem certeza?

— Por quê? - ela perguntou. — Desapontado?



Quarenta minutos mais tarde, Jude foi até o banheiro para colocar os pés de molho - tamanho 44, solas chatas, fonte constante de dor - e encontrou Geórgia encostada na pia, chupando o polegar. Usava uma camiseta e uma calça de pijama com um gracioso padrão de figurinhas vermelhas que pareciam corações. Só quando chegava perto a pessoa conseguia ver que todas aquelas figurinhas vermelhas eram na realidade imagens de ratos enrugados e mortos.

Jude se inclinou para ela e tirou-lhe a mão da boca para examinar o polegar. A ponta estava inchada e tinha um ferimento esbranquiçado, que não parecia feio. Ele soltou a mão e se afastou, desinteressado, puxando uma toalha do suporte aquecido e jogando-a no ombro.

— Devia pôr alguma coisa nisso - disse ele. — Antes que infeccione e apodreça. É difícil para dançarinas com deformações arranjar trabalho.

— Você é um tremendo filho-da-puta em matéria de solidariedade, sabia?

— Se quer apoio, vá procurar o James Taylor.

Ele olhou de relance pelo ombro e a viu sair. Uma parte dele teve vontade de retirar o que dissera. Mas não retirou. Com suas pulseiras de tachões metálicos e um batom negro brilhante que dava uma aparência fúnebre, elas, as moças como Geórgia, queriam rispidez. Queriam provar para si mesmas sua capacidade de resistência, provar que eram duronas. Era por isso que vinham a Jude - não apesar das coisas que ele lhes dizia ou do modo como as tratava, mas justamente por causa disso. Ele não queria que nenhuma delas fosse embora decepcionada. Mas era inevitável que, mais cedo ou mais tarde, *todas* fossem embora.

Pelo menos *ele* via as coisas assim, e, mesmo que elas não pensassem dessa maneira no início, acabavam entendendo com o tempo.



Um dos cachorros estava na casa.

Jude acordou por volta das três da manhã com aquele barulho, passos de um lado para o outro no corredor, um rumor e um sopro de movimento incessante, um leve choque contra a parede.

Ele os colocara no canil pouco antes de escurecer, lembrava-se muito claramente de ter feito isso, mas não se preocupou com o fato nos primeiros momentos após ter acordado. Um deles, de alguma forma, tinha entrado na casa, era só.

Jude sentou por um instante, ainda embriagado e entorpecido de sono. Um salpico de luar caiu sobre Geórgia, que dormia de bruços à sua esquerda. Sonhando, com o rosto relaxado e despojado de toda a maquiagem, parecia quase uma menina e Jude sentiu uma súbita ternura - e também um estranho constrangimento por se encontrar na cama com ela.

— Angus? - ele murmurou. — Bon?

Geórgia não se mexia. Agora ele não ouvia nada no corredor. Escapuliu da cama. A umidade e o frio pegaram-no de surpresa. Fora o dia mais frio dos últimos meses, o primeiro verdadeiro dia de outono, e agora havia uma friagem rude no ar, penetrante, o que significava que devia estar ainda mais frio lá fora. Talvez fosse por isso que um dos cachorros estava dentro de casa. Talvez tivesse cavado sob a cerca de arame do canil e de alguma forma conseguido entrar na casa, desesperado à procura de um lugar quente. Mas isso não fazia sentido. Parte do canil era fechada e os cachorros podiam se refugiar no celeiro aquecido, se sentissem frio. Ele começou a caminhar em direção à porta, para dar uma espiada no corredor, mas hesitou quando passou pela janela, puxou a cortina para o lado e deu uma olhada lá fora.

Os cães estavam na parte externa do canil, perto da parede do celeiro. Angus rodava de um lado para outro sobre a palha, o corpo comprido e liso se agitando em escorregadios movimentos laterais. Bon estava rigidamente sentada num canto. Tinha o focinho levantado e o olhar fixo na janela de Jude - nele. No escuro, um verde muito vivo e anormal brilhava nos olhos dela. Estava quieta demais, com o olhar concentrado demais, como uma estátua de cachorro em vez da coisa real.

Foi um choque olhar pela janela e encontrar os olhos de Bon fixos nele, como se ela

estivesse observando o vidro só Deus sabe por quanto tempo à espera que Jude aparecesse. Mas pior do que isso era saber que havia alguma coisa na casa, andando de um lado para outro, batendo nas coisas no corredor.

Jude deu uma olhada no painel de segurança ao lado da porta do quarto. A casa era monitorada, por dentro e por fora, por uma coleção de detectores de movimento. Os cachorros não eram grandes o suficiente para acioná-los, mas um homem adulto os faria disparar e o painel registraria movimento em alguma parte da casa.

O mostrador, no entanto, exibia uma luz verde contínua e dizia apenas SISTEMA ATIVO. Jude se perguntava se o chip era sensível a ponto de perceber a diferença entre um cachorro e um psicótico nu, ganhando terreno de quatro, com uma faca entre os dentes.

Jude tinha uma arma, mas estava no cofre de seu estúdio particular de gravação. Estendeu a mão para a guitarra Dobro, encostada na parede. Nunca fora de quebrar guitarras para impressionar. O pai destruíra sua primeira guitarra numa tentativa de fazer Jude abandonar suas ambições musicais. Jude nunca fora capaz de repetir o gesto, nem mesmo no palco, pelo espetáculo, quando podia se dar ao luxo de ter todas as guitarras que quisesse. Estava, no entanto, perfeitamente disposto a usar uma guitarra como arma, para se defender. Num certo sentido, acreditava que sempre as utilizara como armas.

Ouviu uma tábua corrida ranger no corredor, depois outra, depois um suspiro, como alguém parando cansado. Seu sangue se acelerou. Ele abriu a porta.

Mas o corredor estava vazio. Jude chapinhou por compridos retângulos de luz glacial, atirada pelas clarabóias. Parava diante de cada porta fechada, prestava atenção, depois dava uma olhada no interior. Por um momento um cobertor atirado numa cadeira pareceu um anão disforme a encará-lo. Em outro quarto encontrou uma figura alta, lúgubre, parada atrás da porta e o coração saltou em seu peito. Quando ia bater com a guitarra, percebeu que era um cabide de pé e o ar saiu de dentro dele num jato trêmulo.

No estúdio, no final do corredor, pensou em pegar sua pistola, mas não fez isso. Não queria sair armado pela casa. Estava tão nervoso que poderia reagir a um movimento brusco no escuro puxando o gatilho e acabar abrindo um buraco em Danny Wooten ou na empregada, embora não pudesse imaginar por que eles iriam se mover furtivamente pela casa a uma hora daquelas. Retornou ao corredor e foi para o andar de baixo.

Revistou o térreo e só encontrou sombras e quietude, o que devia deixá-lo tranqüilo, mas não deixou. Era o tipo errado de quietude, a imobilidade chocada que se segue ao estouro de um rojão. Seus tímpanos latejavam com a pressão de todo aquele sereno, terrível silêncio.

Não conseguiu relaxar, mas ao pé da escada tentou fazer de conta que estava tudo bem,

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Joe Hill - A Estrada da Noite (pdf)(re..."
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).